



O POLITÉCNICO

GRÊMIO POLITÉCNICO • ANO LXVIII • SÃO PAULO, OUTUBRO DE 2013 • EDIÇÃO 05

NESTA EDIÇÃO:



DESENVOLVIMENTO DO NOVO
PLANO DIRETOR

PÁGINAS 3 E 4



CURSOS DE EXTENSÃO
DA USP

PÁGINA 5



ENTENDA POR QUE A USP CAIU
NO THE UNIVERSITY
RANKINGS

PÁGINA 6



HOROSCOPOLI: ESTEJA PREPARADO
PARA O QUE ESTÁ POR VIR

PAG 13

DEMOCRACIA NA USP PÁG 7

DEMOCRACIA, FLUXO DE PODER
E DIRETAS PARA REITOR PÁG 8

HISTÓRIAS ESTUDANTIS DE
MAÇAHICO TISAKA PÁG 9

ENTREVISTA COM MARCELO TAS
PÁG 10 E 11

ENTREVISTA COM UM FÍSICO PÁG 12

MARK ZUCKERBERG NA POLI E
ANÁLISE GOURMET PÁG 14

UM ÁLBUM PRA OUVIR E UM FILME
PRA VER PÁG 15

EDITORIAL

A USP se movimentou e muita coisa aconteceu em nossa universidade no último mês. Dentre todos os acontecimentos, se destacaram a movimentação dos candidatos à reitoria e a greve e invasão da reitoria feita por parte dos estudantes.

Em todos os campi, está se discutindo democracia e a forma como os estudantes tem se comportado. Esse jornal, como um espaço aberto aos politécnicos, traz textos com opiniões bem diferentes sobre o que tem acontecido. Lembrando que cada texto traz a opinião de seu escritor, nenhum desses textos reflete exatamente a opinião da equipe editorial.

Essa edição do politécnic traz vários outros assuntos como o desenvolvimento do novo plano diretor para a cidade de São Paulo, as diversas opções de cursos de extensão pela USP e uma análise

da queda de nossa Universidade e também da Unicamp no Times Higher Education. Além de falarmos da candidatura do prof.Dr. Vahan Agopyan a vice reitor e trazermos conversas com os dois ilustres palestrantes da Semana de Aniversário do Grêmio, Maçahico Tisaka e Marcelo Tas.

Nosso politreco vem com toda força para divertir, entreter e aguçar o pensamento crítico dos politécnicos. O nosso famoso horoscopol vem acompanhado de crítica gastronômica sobre o bandeirão, entrevista com professor fictício do Instituto de Física e muitas outras coisas na nossa sessão politreco.

Essa publicação do jornal veio com maior diversidade graças aos novos integrantes da equipe editorial. Estamos sempre abertos a novos integrantes. Nossas reuniões são às quintas feiras, 11h, no Grêmio Politécnic. Apareça!

SUDOKU

MÉDIO

3			2	4		6		
	4					5	3	
1	8	9	6	3	5	4		
				8		2		
		7	4	9	6	8		1
8	9	3	1	5		6		4
		1	9	2		5		
2			3			7	4	
9	6		5			3		2

EXPEDIENTE



O POLITÉCNICO

São Paulo, Outubro de 2013 - Ano LXVIII - Edição 5

Editor Chefe: Jean Michell

Equipe Editorial: Jean Michell, Ana Luchesi, Diego Andriolo, Fernando Aguiar, Renato Grandó, Breno Meirelles, Pamella Arakaki e Bruno Pereira

Tiragem
1.600

Contato: opolitecnico2013@googlegroups.com

Diagramação e impressão
Volpe Artes Gráficas
(11) 3654-2306

Os textos aqui publicados refletem unicamente a opinião de seus autores e não da equipe editorial ou do grupo responsável pela publicação!

DIFÍCIL

			3				6	4
				8	7			9
1	5	3						
	6	8		9				
	4	2				9	3	
				6		8	7	
						6	2	7
2			1	7				
4	3				5			

Novo PDE

“A cidade é como se fosse a nossa casa. E, para manter a casa sempre organizada, é preciso que cada um faça a sua parte.” Lançada pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SMDU), essa é a frase de boas-vindas da plataforma digital Gestão Urbana SP cuja existência objetiva o maior acesso a dados, resultados, agenda e notícias do Plano Diretor Estratégico (PDE) do governo de Fernando Haddad. Concluída pelo Executivo, a proposta do novo PDE da cidade de São Paulo, foi encaminhada no dia 26 de setembro de 2013 à Câmara Municipal dotada de uma grande novidade: participação pública por meio de debates, audiências e oficinas nas subprefeituras além de canais eletrônicos e cobertura atualizada dos processos e etapas da revisão participativa do PDE.

O Plano propõe um conjunto amplo de instrumentos e ações que visam à reformulação do panorama organizacional e funcional dos elementos urbanos de tal maneira que a elaboração da



minuta do Projeto de Lei se apoiou em três pilares principais: estruturação metropolitana, desenvolvimento da cidade a partir do sistema de mobilidade e das redes de equipamento, e ações que visam à redução da vulnerabilidade de vários âmbitos, entre eles sociais, ambientais e econômicos. Entre

as questões centrais vinculadas a esses tópicos estão a otimização dos investimentos públicos e da terra urbana, a distribuição das oportunidades oferecidas pela cidade valorizando a relação oferta de emprego/moradia/mobilidade, o desenvolvimento e articulação a partir da rede de transporte prezando

o coletivo, a resolução do problema de déficit habitacional e a redução das desigualdades visando uma melhor homogeneização da qualidade de vida.

“O Plano Diretor é uma peça fundamental no ordenamento da cidade”, segundo o professor de Planejamento Urbano da Escola Politécnic, Alex Abiko. Em entrevista para “O Politécnic”, o professor do PCC, Departamento de Construção Civil, afirmou que “o Plano não é uma peça técnica”, mas “uma peça política”, observando que apesar do projeto ter um componente técnico, tendo em vista ser elaborado e estruturado por técnicos, especialmente engenheiros, da prefeitura, CET, Meio Ambiente, Finanças entre outros, o fator “consulta popular” (reflexo dos interesses dos cidadãos ouvidos através de reuniões nas subprefeituras) lhe confere caráter político. Neste ponto, o professor chamou atenção para uma questão delicada; muitas vezes a consulta acaba visando “exigências de um bairro e não de uma cidade como um todo”. Segundo ele: “Quando se discute em consultas públicas o Plano Diretor, essas são feitas em cima de grupos menores de pessoas que defendem interesses muito específicos”.



Projeto Arco Tietê

Continua na página 4



Prof. Dr. Alex Abiko - Planejamento Urbano/ Departamento de PCC/ POLI - USP

A elaboração técnica somada com quesito consulta popular gera o chamado “Projeto de Lei” que deverá ser aprovado na Câmara dos Vereadores para entrar em vigor. Abiko ressaltou a importância que a Câmara exerce neste processo, explanando o poder que esses representantes têm de vetar ou até mesmo alterar o Projeto de Lei (mesmo destituídos de conhecimento técnico), reafirmando o caráter primordialmente político do Plano. Com isso, fez um grande sinal de alerta para todos sobre a responsabilidade da escolha de nossos representantes.

Entre outras abordagens, destacou as propostas de “densificação dos eixos principais de circulação da cidade (a exemplificar as Avenidas Sto. Amaro, Francisco Morato, Celso Garcia) e a restrição maior aos estacionamentos”. Mostrou-se favorável a essas iniciativas e frisou também o estímulo e aumento da quantidade das Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS) que constituem áreas destinadas à construção de habitações populares. “Os terrenos estão cada vez mais caros em São Paulo, logo para a demarcação das ZEIS, a intervenção do poder público se mostra necessária, de alguma forma, agindo na regulamentação de seus preços”, afirmou o professor.

Em contraposição, mencionou a crítica exposta pelo vereador Andrea Matarazzo que diz que “o novo PDE aumenta drasticamente o número de moradores das regiões onde há transporte público, mas não prevê investimento

na infraestrutura das regiões onde ele ocorrerá”. O vereador alega que o Novo PDE incentiva “o adensamento, ou seja, a concentração de moradores no entorno dos corredores” mas ressalta que é necessário investir na ampliação e melhoria na oferta de serviços públicos e privados que servem a região: como escolas, hospitais, etc. Cita que os bairros em que se pretende realizar esse adensamento são: Moema, Morumbi, Vila Mariana, Lapa, Tatuapé, Mooca, Freguesia do Ó, Liberdade e entorno da Avenida Paulista, não levando em foco a região periférica.

De acordo com o Abiko, “a prática de Planejamento Urbano no Brasil é muito limitado”, “pensa-se pouco no futuro” e isso pode ser amplificado em todas as escalas administrativas (municipal, estadual e federal), entretanto alega que “o Plano Diretor vai evoluindo ao longo do tempo” e se mostrou otimista com a execução deste projeto. É válido ressaltar que o Plano Diretor foi formulado, primeiramente, na gestão de Marta Suplicy, em 2002 e deveria ser revisado em 2006, fato que não ocorreu.

Além das propostas já mencionadas, notabiliza-se o projeto Arco Tietê estipulado como conjunto de obras que pretende conjugar moradia, emprego e

qualidade de vida ao longo das atuais avenidas marginais do rio Tietê, região que, hoje, apresenta proporção irregular entre o baixo número de habitantes em relação à grande oferta de empregos (cerca de 422.000 habitantes para 6004 hectares e 615.900 empregos formais oferecidos). Esse projeto, englobado no Arco do Futuro, prevê sistemas de transportes articulados com as linhas da CPTM, somados com bulevares, jardins e praças suspensas ao lado de terminais de transporte (ônibus, trem e metrô), além de ciclovias e estacionamentos junto a terminais de trens.

O Plano Diretor Estratégico apresenta-se como uma ferramenta interessante para se repensar e remodelar a relação da cidade com sua população, apontando problemas e se levantando soluções. Sendo aprovado pela Câmara, esse é encaminhado para a prefeitura, onde deverá ser sancionado por Fernando Haddad para entrar em vigor; determinando a maneira como ocorrerá o desenvolvimento e a organização da cidade, no âmbito público e privado, no período de dez anos.

*Pamella Arakaki
Engenharia Civil – 2º ano*



Extensão e integração universitária



Que o IO é um instituto muito simpático nós já sabemos. Todo esse estudo sobre os oceanos, mares, rios, lagos e zonas costeiras abordando aspectos físicos e biológicos sempre parecem bem interessantes para aqueles que pretendem fazer da natureza o seu ambiente de trabalho. O que muitos não sabem é que qualquer pessoa pode estudar esse assunto mesmo sem estar matriculado. No IO ocorre semestralmente o curso de Noções de Oceanografia, onde vários professores dos departamentos do instituto ministram 14 temas introdutórios da área, tais quais circulação oceânica, poluição química do mar, mamíferos marinhos, ecologia do ecossistema antártico, entre outros. Também proporcionam visitas monitoradas Museu Oceanográfico do IOUSP além de uma viagem de estudos (opcional) para uma das bases de pesquisa do IO (Ubatuba ou Cananéia). Esse curso é aberto para o público em geral e o único requisito é o ensino fundamental completo. O único inconveniente é que, para realizá-lo, você terá que vencer uma enorme batalha com a sua preguiça e dispor de pelo menos nove manhãs de domingo, pois as aulas são das 9:30h às 12:30h.

Outro instituto uspiano bem simpático, o IAG, oferece em seu período de férias de julho um curso de extensão universitária de introdução a Astronomia e a Astrofísica. Se em algum momento de sua vida você já se encantou com o universo, as estrelas, cosmologia e galáxias ou se houve o interesse de conhecer melhor os trabalhos de Neil deGrasse Tyson e de Rajesh Koothrappali (dois astrofísicos famosos) esse curso é muito recomendado. Durante uma semana os professores do Departamento de Astronomia do IAG ministram

aulas sobre cada uma das grandes áreas de acordo com a sua especialidade. Há a oportunidade de visitas acompanhadas, as de julho deste ano foram ao Rádio Telescópio do Itapetinga em Atibaia e ao Observatório Abrahão de Moraes em Valinhos. Em uma das noites de condições meteorológicas favoráveis ocorre a observação do céu. Diferentemente do IO, para esse curso é necessário ser graduado ou graduando em cursos da área de exatas.

O Instituto de Química da USP também promove um curso de verão sobre Bioquímica e Biologia Molecular que, em 2014, ocorrerá entre os dias 27 de janeiro e 07 de fevereiro. O intuito do curso é estimular o ingresso de estudantes na pesquisa científica. São realizados trabalhos práticos com base nas técnicas atuais de Bioquímica e Biologia Molecular, atividades diárias laboratoriais como Biologia Molecular do Câncer, Bioquímica de Insetos, Neurociências entre outras, planejadas e conduzidas por pós-graduandos. Ao todo são destinados 35 vagas à alunos de graduação de qualquer instituição de ensino superior do país e é necessário também o envio de uma carta de interesse para participar. Durante todo o período do curso será oferecido hospedagem no Cepeusp.

Até o nosso velho conhecido Instituto de Matemática e Estatística possui uma série de cursos de verão, mas antes de entrar em colapso já lhe aviso que nem só de Cálculo, Álgebra Linear e Numérico vive o IME. Claro que há os cursos relacionados a esses temas também e são uma boa pedida caso o estudante goste do assunto e queira se aprofundar, porém destaque também outros cursos que ocorreram nesse ano como: Noções de Finanças e Mercado Financeiro; Fundamentos de Testes de Software; Engenharia de Usabilidade para Sistemas Web; Linux Básico; Programação com Linguagem Java; Algoritmos em Java; Interfaces Web e Banco de Dados; até mesmo um curso envolvendo Matemática e Mágica. Como a programação de 2014 ainda não está disponível, esses citados foram para dar uma ideia geral. O público alvo é bem amplo, contemplando qualquer estudante ou profissional interessado em completar sua formação.

Mesmo na Poli, em janeiro de 2013,



houve um curso cujo tema era Mecânica Quântica: da Física a Computação. Esse curso trouxe a ideia de colocar o estudante em contato com essa área, que é essencial para o entendimento das tecnologias contemporâneas, tornando-se bastante relevante para a engenharia. Diferentemente dos outros acima, esse curso teve como público alvo somente graduandos da Poli a partir do 2º ano, até porque são necessários conhecimentos de Cálculo e Álgebra Linear.

Esses são alguns exemplos de Extensão Universitária. Entretanto, podem ser utilizados como o preenchimento de uma lacuna que temos em nossa universidade, que é a falta de integração entre os cursos. Ao entrarmos, seja em qualquer curso e uns mais que outros, dificilmente temos a oportunidade de conviver com alguém pertencente a uma área diferente, sentar ao seu lado e debater temas interdisciplinares. Mesmo quando cursamos matérias em outros institutos as fazemos sempre com a nossa mesma turma. Essa falta de integração empobrece bastante todo o potencial que uma Universidade pode ter em desenvolvimento de pesquisas e aprimoramento individual e coletivo dos estudantes. Afinal, ninguém que é contratado irá trabalhar somente com pessoas de sua mesma formação. Esse problema é bem visível, ainda mais para a engenharia que está sempre em contato com praticamente todas as áreas, tanto que, uma das principais mudanças da nova EC3 é a inclusão de um maior número de optativas livres ao longo do curso. Não que toda essa barreira invisível que nos separa entre nossos institutos será rompida, há também toda uma

questão de estrutura dos cursos, tempo disponível para dedicação de conteúdos extras, horários das aulas que muitas vezes não combinam, disponibilidade de vagas para as matérias, porém já é um indício de mudança de mentalidade.

Tratando-se de Extensão Universitária, esses cursos são ótimas vitrines para a sua própria divulgação. Tirando como exemplo o caso do curso Noções de Oceanografia do IO, que é aberto também para alunos do ensino médio, esse estudante terá uma ótima oportunidade de conhecer de fato um curso superior menos tradicional e poderá optar mais facilmente por seguir essa área no vestibular. Essa ação de estender o conhecimento universitário a toda a comunidade, principalmente àqueles que estão prestes a escolher a carreira é fundamental, por isso atividades como estas devem ser incentivadas e divulgadas cada vez mais. Mesmo quando são mais restritos a uma comunidade universitária, como nos casos do IAG e do IQ, são extremamente importantes por difundir o conhecimento, lembrarmos-nos de que estamos em uma Universidade e ampliar os nossos horizontes.

Para mais informações como período das inscrições, conteúdo e outros pontos relevantes sobre cada um dos cursos acessem a página dos institutos (www.io.usp.br; www.iag.usp.br, etc.) e procurem pela aba Cultura e Extensão, geralmente são fáceis de se encontrar e você ainda verá vários outros com requisitos e público-alvo variados. Esses foram apenas cinco exemplos dentro de toda a universidade.

Bruno Pereira
Engenharia Ambiental 3º ano

World University Rankings

Todos viram recentemente a notícia de que a USP havia caído de posição no ranking mundial das universidades, perdido o posto entre as 200 melhores. Mas afinal, que ranking é esse? O que motivou tamanha queda?

Primeiramente, o ranking citado é o britânico Times Higher Education, o THE. Antes de qualquer discussão acerca dos motivos da atual posição da USP no ranking de 2013-2014 é fundamental que conheçamos toda a sua metodologia de avaliação das universidades.

Sua avaliação é feita por meio de cinco principais categorias com suas respectivas porcentagens sobre o cálculo final total: Teaching (30%); Research (30%); Citations (30%); Industry Income (2,5%); International Outlook (7,5%).

Ao compararmos os resultados de USP e Unicamp nos rankings 2012-2013 e 2013-2014 do THE vemos que a queda de ambas é resultado de menores valores obtidos em "Teaching" e "Research". Na USP as quedas foram de 15,8 e 14,9 pontos, enquanto que na Unicamp foram de 10,4 e 9,3 pontos. Foram quedas muito acentuadas em dois dos principais quesitos de avaliação, visto que os outros permaneceram relativamente estáveis. Mas o que isso significa de fato?

Entrando um pouco mais a fundo na metodologia do THE, a categoria Teaching avalia todo o ambiente de ensino. Essa nota é composta por vários fatores. São analisadas a percepção de prestígio das universidades, a proporção entre funcionários docentes e alunos e também entre doutorados e bacharéis, o número de doutorados concedidos pela instituição de acordo com o seu tamanho e número de docentes, e por fim, a infraestrutura e serviços disponíveis para docentes e alunos. Já a categoria Research ocupa-se do volume, do rendimento e da reputação das pesquisas da universidade. Preocupa-se principalmente com a produtividade de pesquisas, relacionando o número absoluto de produções com o número de funcionários acadêmicos (docentes e pesquisadores).

Mesmo com a acentuada queda em

Research a USP é atualmente responsável por até 26% da produção científica do país, segundo dados recuperados de registros internacionais como o Web of Science.

Segundo o Editor da lista, Phil Baty, o resultado ruim das universidades brasileiras no ranking se deve ao fato de uma baixa competitividade internacional, resultado de um baixo uso do inglês no meio acadêmico. De fato, apesar de não ter havido quedas significativas em quesitos como International Outlook e Citations, também não houve grandes ganhos, e ainda, se compararmos os resultados das duas melhores universidades brasileiras com as melhores do mundo ou mesmo com as que estão em posições intermediárias no ranking, comprova-se que o resultado brasileiro é muito baixo, bem aquém do seu potencial. O incentivo ao uso de inglês na sala de aula pode ser uma solução para esse problema pois aumentaria o número de produções científicas nessa língua. O uso exclusivo do português é um empecilho para o aumento do número de citações ao redor do mundo. Também aumentariam o número de estudantes estrangeiros, o que traria diversos benefícios à comunidade acadêmica em geral, porém, segundo o físico e especialista em relações internacionais da Unicamp Leandro Tessler, ainda há uma tradição de resistência a cursos de inglês na universidade como se fosse uma questão de soberania.

Deve-se fazer uma menção honrosa à posição da Usp quando o ranking é específico por assunto. Em "Life Sciences" a USP conseguiu a 93ª posição, porém no ano passado era a 50ª.

Outro ponto a ser destacado é que, mesmo a Unicamp sendo a universidade de maior caráter industrial no país, o seu resultado em Industrial Income (49,0) é apenas mediano. Isso aponta um traço cultural no Brasil que é a falta de envolvimento das indústrias e empresas com as universidades, ou por questão de falta de interesse ou por dificuldades políticas e burocráticas. Para um país que pretende se tornar competitivo essa falta de comunicação entre indústrias e universidades

Overall score	Data withheld by THE
Teaching	47.2
International outlook	24.9
Industry income	40.1
Research	50.8
Citations	29.4

Pontuação da USP no THE 2013-2014 (Posição 226-250)

deve ser sanada imediatamente para que enfim possamos deixar de ser um país meramente reprodutor de tecnologias do exterior.

Ao vermos o resultado do THE de uma forma geral percebemos algumas curiosidades. Nele, a América Latina possui somente três universidades entre as melhores 400 e, ao lado de USP e Unicamp encontra-se a Universidad de Los Andes da Colômbia, a qual ultrapassou a Unicamp, alcançando uma posição no grupo (251-275). O seu destaque é uma pontuação altíssima na categoria Citations (89,3) e também em International Outlook (55,7), exemplo de que é possível que uma universidade latino-americana alcance grandes resultados internacionais.

Se há um país que podemos dizer que se reestruturou e alcançou grandes índices de desenvolvimento a partir de pesados investimentos em educação, além do Japão obviamente, esse país é a Coreia do Sul. Em 1950 era menos desenvolvida que o Brasil, hoje é um exemplo de país pobre que se tornou rico no pós-Guerra. E tudo isso se comprova com o ótimo resultado de suas universidades no ranking. As melhores universidades sul-coreanas ocupam respectivamente as posições 44ª, 56ª e 60ª. Sem contar que em duas delas a pontuação de Industrial Income atinge a nota máxima (100,0), reflexo de um país altamente desenvolvidor de tecnologia. Claro que devem ser respeitadas as culturas individuais de cada país, mas esses resultados são uma prova de que com trabalho sério é possível uma real evolução.

Podemos dizer que outro importante ranking universitário mundial, o QS,

também britânico, divergiu bastante do THE. Com critérios semelhantes ao anterior, tanto USP quanto Unicamp subiram bem de posições. A USP destaca-se fortemente entre as 200 melhores na 127ª posição, subindo doze em relação ao ano passado, já a Unicamp ocupa a 215ª posição.

Quando analisado especificamente por assuntos a USP consegue posições de destaque mundial nos seguintes temas: Agricultura e Silvicultura (24ª); Filosofia (41ª); Estatística e Pesquisa Operacional (41ª); Educação (45ª); Comunicação e Estudos Midiáticos (48ª).

O QS também foi muito mais generoso com as universidades latino-americanas na sua lista das 400 melhores, sendo três delas brasileiras (inclui-se a UFRJ no grupo), quatro argentinas, duas chilenas, três colombianas e uma mexicana.

A diferença aparece também em relação ao domínio americano, que apesar de continuar forte, é menor do que no THE, emplacando 11 universidades nas 20 melhores. Até mesmo liderança é diferente, ocupada pelo MIT (que no THE é o 5º colocado), enquanto que a Caltech ocupa "apenas" a 10ª posição.

O mais importante nesse cenário todo é analisar de maneira crítica e sensata todos os resultados obtidos. É muito difícil analisar qualidade, são muitos critérios subjetivos que nem sempre podem descrever o que de fato é considerado qualidade, mas nem por isso devem ser desconsiderados. Quanto mais ideias pudermos tirar a partir de seus resultados, melhor.

Bruno Pereira
Engenharia Ambiental 3º ano



Democracia na USP

O movimento por democracia na universidade: alguns pontos

Farei uma breve introdução. Disparei aqui os principais itens do Artigo 36 do Estatuto da USP:

Artigo 36 – O Reitor, Professor Titular da USP, será nomeado pelo Governador do Estado de lista tríplice de nomes, elaborada da seguinte forma:

I – a composição da lista obedecerá ao sistema de dois turnos;

II – no primeiro turno serão eleitos oito nomes, pelos membros da Assembléia Universitária, composta pelo Conselho Universitário, pelos Conselhos Centrais, pelas Congregações das Unidades e pelos Conselhos Deliberativos dos Museus e dos Institutos Especializados;

III – no segundo turno serão eleitos três nomes, dentre os oito escolhidos em primeiro turno, sendo eleitores os membros do Conselho Universitário e dos Conselhos Centrais;

IV – os nomes que, no segundo turno, comporão a lista tríplice, deverão ser eleitos por maioria absoluta de votos;

VII – todas as votações serão realizadas em escrutínio secreto.

As mudanças aprovadas no dia 1º de Outubro rondam em torno de três pontos principais. A abolição do segundo turno; inscrição por forma de chapas acompanhada do plano de gestão – no regimento anterior podia se candidatar qualquer professor titular da USP; consulta à comunidade universitária apenas de caráter indicativo, realizada, pois, previamente à eleição.

Acredito que aqui temos três pontos principais de gargalo: a preservação das eleições indiretas, escrutínio secreto e da lista tríplice. É notável, ao exigir inscrição por chapas e plano de gestão, uma tentativa de tentar priorizar a escolha do reitor e vice por suas qualificações técnicas. Porém, visto que ficaram imutáveis os aspectos supracitados, o jogo de “combinar votos” e a contaminação

da escolha pelo discurso político ainda prevalecem. Além das eleições indiretas em si, sobre as quais discorrerei mais adiante. Sobre o primeiro, ficou evidente para a sociedade a nocividade do voto secreto – quando em colegiado – em agosto, na sessão da Câmara dos Deputados que rejeitou a cassação do mandato de Natan Donadon. Já ficou clara também – em 2009, o então governador José Serra escolheu o segundo colocado da lista, atual reitor – a falta de poder de pressão – ou conivência – que as eleições por colegiado têm quando formatadas em uma lista tríplice, permitindo a sobreposição de interesses pessoais e políticos do governo ao que seria a melhor escolha para a universidade.

AS INDIRETAS E MERITOCRACIA

O modelo anterior contava com 10% de alunos de graduação, e 5% de alunos de pós-graduação do total de professores no Conselho Universitário. O número de funcionários era de apenas três. Apesar de, com as mudanças, número total de votantes crescer cerca de 10 vezes, as participações relativas continuam desiguais. Tal hegemonia de professores titulares se pauta basicamente na meritocracia: por ter uma formação acadêmica mais completa e mais tempo de universidade seriam eles mais capazes de escolher o reitor. Ademais, tal conceito pressupõe que o reitor seja um cargo exclusivamente técnico, que como uma empresa, a universidade deve ser objetiva na geração de conhecimento. Como vimos anteriormente, mesmo este modelo técnico não é aplicado com plenitude.

Em vídeo de apoio ao movimento, o filósofo Vladimir Safatle explica: “As melhores universidades do mundo conhecem ao menos dois sistemas de escolhas de reitor: um é a eleição direta [...] e o outro é simplesmente por contratação, como se você abris-

se um concurso e procurasse alguém que tivesse as melhores qualificações. A USP não tem nem um, nem outro e ela tem o defeito de todos os dois.” A questão é que temos observado decisões autoritárias – destruição de espaços culturais (Canil), falta de diálogo, reintegração de posse violenta, denúncias de superfaturamento, crimes ambientais (EACH), problemas de graduação – aqui mesmo na Poli sofremos com uma grade curricular que desestimula o aprendizado – que vão ao encontro da necessidade de reaproximação entre a administração, os alunos, professores e funcionários, e, portanto, horizontalizar as relações e propor um modelo de eleições diretas tanto para reitor quanto para diretores das unidades seria mais adequado que observarmos apenas critérios técnicos. Tratando, então, a universidade como espaço de construção de conhecimento através do diálogo, o modelo meritocrático cai por terra.

Ademais, olhando em maior escala, segundo Safatle, vivemos uma crise de nosso sistema representativo (parlamentar). “Nossa democracia tal como ela está consolidada hoje [...] não é o último estágio possível.”, diz. Junho nos demonstrou muito claramente que existe uma insatisfação geral com nossos representantes. Existe uma demanda generalizada por sistemas mais democráticos, mais próximos, e a USP não é exceção.

A SOCIEDADE

A USP tem um orçamento de 5 bilhões de impostos anuais que, claro, provém de impostos estaduais. Por consequência, argumenta-se que a sociedade paulista deve ter peso em decisões internas. Mas isso significa que precisamos manter um modelo deliberativo – que têm se mostrado falho – de escolha de reitor? O Artigo 207 da Constituição Federal discorre “As universidades gozam de

autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.”. Ou seja, a Carta já reconhece a necessidade de autonomia das universidades. Dessa forma, um modelo consultivo à sociedade seria mais adequado.

A OCUPAÇÃO

Percebo que a mídia, ao tratar de manifestações se posiciona sempre de forma a criminalizar atos de destruição, ao invés de interpretar os protestos como rejeição à ordem atual e ponderar os danos. O juiz Adriano Marcos Laroca que indeferiu a liminar de reintegração de posse requerida pela reitoria da USP faz essa ponderação em sua decisão: “Na realidade, pode-se dizer que a Reitoria, sem iniciar qualquer diálogo com os estudantes, ao judicializar tal ocupação política, fez um opção clara pelo uso da força, ao invés, do debate democrático. Não se pode nem alegar que os estudantes ao ocuparem o prédio também assim agiram, pois, como vimos, aparentemente, foi a ausência de diálogo o motivo preponderante da ocupação, medida custosa à USP e aos estudantes, porém, ainda assim, em menor grau do que a manutenção de normas eletivas de cunho autoritário, a meu ver”

A ocupação tem sido a estratégia para sustentar o movimento e conseguir diálogo com a administração através da Justiça, visto que este é negado pelo próprio sistema antidemocrático em vigor. O Conselho Universitário se reúne em regime fechado, com a proteção de uma porta blindada, esquema de segurança que evidencia o caráter elitista e opressivo do sistema.

Renato Grando
Engenharia Civil 3º ano



Democracia, Fluxo de Poder e Diretas para Reitor

Nota do autor: Esse texto originalmente foi publicado na página do facebook onde o Grêmio convocava os politécnicos para a Assembleia do dia 7/10. Naquela versão não poupei críticas a muitos dos membros ativos do movimento estudantil e seus métodos, que considero não democráticos. No meu esforço de apontar aqueles que acredito serem lobos em peles de cordeiros, acabei dispersando o foco do tema motivador do texto e por isso decidi retirar-lhe o primeiro parágrafo e outras pequenas intervenções para publicar uma versão mais focada no assunto "Diretas para Reitor".



Meus amigos, decidi escrever esse texto basicamente para convidá-los a pensar e quem sabe até a reagir quando alguém defender um absurdo em nome da democracia.

Uma das pautas da ocupação da reitoria desse ano são as tais "diretas para reitor". Indo direto ao ponto:

Diretas para reitor não é um sistema mais justo do que o atual e muito menos representa mais democracia.

E isso porque o fundamento principal da democracia é o fato de que na base de todo o Estado e de todas as instituições públicas e governamentais está o povo. É o povo quem financia o estado através dos impostos e é o povo quem decide como aplicar essa verba, mesmo que indiretamente, através dos seus representantes eleitos. Ao eleger um prefeito (ou um governador, presidente...), cada cidadão lhe entregou uma parcela do seu poder de decisão e disse "Decida por mim! Eu acredito que você tomará as decisões que eu creio serem as melhores". O prefeito então, legitimamente, escolhe pessoas de sua confiança para lhe ajudar a concretizar suas propostas. O poder, que emanou do povo, é canalizado pelo prefeito e depositado nas mãos de seus secretários, que os entregam a seus assessores e assim sucessivamente. Desta forma, quando o secretário de transportes põe em prática um plano de expansão do transporte público, ele faz isso com o poder (e com o dinheiro, obviamente) que o povo lhe

transferiu. O funcionário da manutenção de vias só pinta uma nova faixa de ônibus numa avenida porque, em última instância, o povo entregou esse poder a ele. Percebam que o fluxo do poder é o mesmo que o dos impostos e este é um dos pilares da democracia.

Agora analisem novamente o caso da USP:

Como todos sabemos a USP é uma instituição do Estado de São Paulo, sustentada por impostos estaduais pagos por todos os paulistas. Para que a aplicação desses impostos seja verdadeiramente democrática é claro então que a decisão deve ser tomada por uma pessoa que tenha recebido não só o dinheiro, mas o poder de decisão do povo.

É exatamente isso o que acontece quando o governador do estado escolhe o reitor da universidade. Ao nomear reitor um dos membros da lista tríplice indicada pelo conselho universitário o governador diz "Pegue aqui o poder que o povo me emprestou e decida como aplicar o dinheiro deles".

Se por outro lado o sistema de eleições para reitor fossem as "diretas" defendidas pelos manifestantes que invadiram a reitoria, o fluxo do poder seguiria um caminho completamente distinto que o dos impostos. A verba viria de todos os paulistas, claro, mas o poder de decisão viria apenas de uma ínfima parcela da população, que são os alunos, professores e funcionários da USP.

Por isso comecei meu texto convi-

dando-os não só a pensar, mas também a reagir: A USP não pode ser usurpada da população de São Paulo. Pensem no quanto longe essa proposta "democrática" passa da democracia de fato, em quanto absurdo é o fato de um estado inteiro pagar por um negócio sem que se tenha o poder de decidir nada sobre ele. Quem deu a estas pessoas, sejam elas alunos, professores ou funcionários, o direito de decidir como aplicar a verba pública? Resposta: Ninguém!

Não sei como melhorar o sistema atual, mas sei que não é com eleições

diretas para reitor. Querem transformar a Universidade de São Paulo (USP) na Universidade dos Membros da Comunidade Universitária (UMCU). Reagir contra uma proposta dessas é o mínimo que nós temos que fazer!

Bruno "Girafales" Abrahão de Barros (Civil 2005)

Retirado de <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/10/alunos-da-usp-fazem-assembleias-nesta-quarta-para-definir-greve.html>

Vahan Agopyan

Em conversa realizada na S-28 do prédio da Civil, Vahan Agopyan, candidato a reitor pela Poli, expôs de maneira rápida os moldes da sua campanha e o que pretende fazer caso seja eleito. Gastou cerca de 15 minutos nessas colocações dirigindo-se a uma plateia composta majoritariamente por professores da Engenharia Civil (funcionários estavam presentes e também alunos, mas ambos em menor peso). O restante do tempo foi destinado a uma sabatina.

Nela, muitos tópicos foram abordados. Quanto ao planos para os funcionários, Vahan disse que é importante reavaliar a folha de pagamento de toda a USP, que hoje encontra-se acima do que se deve pagar e, em decorrência disso, alertou para o fato de que se um dia a Universidade tiver que mendigar dinheiro para o governo, ela perderá toda sua autonomia, correndo o risco de voltar a ser como era antes de 1988, época em que papel higiênico, por exemplo, faltava todo dia, segundo ele. Além disso, falou que existem alguns pontos no plano de carreira dos funcionários, que também estão presentes no plano dos professores, que podem ser prejudiciais a ambos.

Na questão da representatividade dos alunos, o presidente do Grêmio obteve como resposta a expectativa de que a participação ativa dos alunos na tomada de decisões tende a ser maior, desde que as eleições do representantes discentes seja feito de um modo

melhor e mais justo. Vahan citou um e-mail que recebeu recentemente. Nele, a remente pedia que ele repassasse a mensagem de que as eleições para representante da pós-graduação estavam ocorrendo. O detalhe é que o e-mail foi enviado para Vahan enquanto a escolha estava em andamento, o que é errado, segundo ele.

A professora Mércia, notando a falta do tema "extensão" na exposição inicial de Vahan, indagou-o sobre. Em resposta, o reitorável focou nos cursos de extensão (nesse momento, Mércia pontua que "extensão não resume a cursos"), mas disse que a USP deve dar um retorno à sociedade, que é o que se espera dela, já que a Universidade é uma de suas componentes. Frisou mais dois pontos: a USP pouco procurou a prefeitura para elaboração de projetos e que os cidadãos enxergam a Universidade somente como um local onde se efetua graduação, o que deve ser mudado.

Vahan, agora, discursará em outras unidades.

Nota: no dia 15 de outubro, foi oficializada a candidatura de Vahan como vice-reitor da Chapa 3 (o nome da chapa é a ordem em que foi recebida pela Comissão Eleitoral), cujo candidato a reitor é Marco Antonio Zago, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.

Fernando Aguiar
Engenharia Civil 2º ano

Histórias Estudantis de Maçahico Tisaka

O presidente interino do Grêmio Politécnico em 1964 conta histórias de uma Poli diferente



Serra fantasiando seu plano para chegar à liderança estudantil



Maçahico começou com uma aula de História. Nas horas seguintes, entre palestra, coffee-break e bate-papo no Grêmio, faríamos uma viagem no tempo ao início dos anos 60 e sua conturbada conjuntura, que culminaria na tomada do poder pelos militares em 31 de março de 64.

Naquele tempo, afirma que a Poli, em sua maioria, era composta de esquerdistas. A esquerda moderada “socialista humanista” representada pela Aliança Popular (AP), da qual participava José Serra, dominava, mas existiam também grupos radicais marxistas ligados ao Partido Comunista Brasileiro e à POLOP (Organização Revolucionária Marxista Política Operária). Segundo, ele, 30% eram apolíticos e 10% eram “neutros”. Perguntado sobre os direitistas, diz “direitistas geralmente não se manifestam ou quando se manifestam, se manifestam sem muita clareza”.

Com precisão de número USP, Maçahico se lembra de seu colega José Serra “ele era o 1073 e eu o 1051”. Conta que Serra era um militante engajado e isso tomava tempo, mas por ser muito inteligente conseguia passar em todas disciplinas. Segundo Maçahico, ele era muito “independente” – tomei a liberdade de

interpretar como um eufemismo para antissocial – e que por isso perdeu as eleições para o DCE. Vendo que era impopular na capital, arquitetou sua eleição de presidente da União Estadual Estudantil ao travar acordos com os Centros Acadêmicos do interior. Como existiam mais CA’s no interior que na capital, Serra foi bem sucedido. Para chegar ao topo da UNE, aplicou a mesma fórmula.

Maçahico trabalhava das 18 às 23 horas com aerofotogrametria na empresa Cruzeiro do Sul e por isso sobrava pouco tempo para exercer militância. Mas nem por isso seus colegas o deixavam em paz. Nas eleições para representante dos cursos, embora tenha enfatizado que não tinha tempo, foi eleito representante da Civil sem saber que tinha se inscrito. Integrou, então, o Conselho dos representantes.

Na época de eleições, Maçahico conta que queria ser presidente do Conselho – o então presidente do Conselho era ausente das reuniões – e que então se candidataria a vice-presidente do grêmio – no estatuto vigente, este cargo significava também a presidência do Conselho. Lançou então, sua candidatura independente, desvinculada das chapas em disputa.

Por sua proposta diferente, passou a receber apoio de um grupo, que segundo ele, pretendia “acabar com esse pessoal da esquerda”. Aceita proposta. “Eu posso ser candidato independente, provavelmente vou perder.” diz, porém não esconde seu receio “Eu tinha certeza que ia perder, bom, perdendo eu fico livre né”. Dias antes da eleição, munidos de papel kraft e tinta o grupo começou a trabalhar e montou cartazes com os dizeres “Maçahico é fogo”. “Colocavam aquele bastão com fogo saindo, alguns até exageraram, colocaram lá umas metralhadoras e colocava ‘comunista num sei o quê lá’”. Tentou enfatizar sua independência para o grupo, mas quando descobriu já era tarde. Foi eleito, sendo que, da cúpula

do grêmio, era o único que furava a chapa vencedora – a esquerdista “Chapa Única”.

No dia seguinte ao golpe, a Junta militar decretou a prisão preventiva de todos os presidentes atuais dos Centros Acadêmicos, independente de seus posicionamentos políticos. “O presidente teve que sumir”, “quem se sentiu pressionado teve que sumir do mapa”. Dessa forma, por força do estatuto, Maçahico assumiu o posto de presidente interino.

Desde então, apesar do Grêmio não se posicionar formalmente nem com neutralidade, ele foi o único Centro Acadêmico da Grande São Paulo que não sofreu nem uma depredação. “Eu não tinha nenhuma participação em grupos ideológicos, nem na AP, nem na direita, totalmente apartidário, por isso que ninguém me importunou”.

Informado sobre o atual desinteresse do politécnico por política, comenta “Acho uma coisa ruim, acho que o jovem deveria se interessar mais pela política”. Diz que o jovem deve “ter uma posição política clara com relação às coisas que acontecem nesse país” e aconselha evitar a neutralidade, pois “a neutralidade é muito ruim pro país”.

*Renato Grando
Engenharia Civil – 3º ano*



Imagem ilustrativa dos cartazes da campanha de Maçahico

Entrevista Marcelo TAS

Na semana de aniversário de 110 anos do Grêmio Politécnico recebemos a ilustre presença daquele ser que aterrorizava políticos com suas perguntas embaraçosas como Repórter Varela e aterrorizava mais ainda as criancinhas que assistiam ao profº Tibúrcio. Ele mesmo, o politécnico que nunca assinou uma obra, mas é um gênio da área de comunicação, Marcelo Tristão Ataíde de Souza. Após uma palestra contando um pouco de sua trajetória, a velocidade da informação nos dias de hoje e como ela nos afeta, TAS concedeu uma entrevista para o nosso jornal, “O Politécnico”. Confira sua crítica ao modelo politécnico, a importância da escola em sua carreira, Kassab e até uma questão de cálculo 1. Tudo isso e muito mais nas páginas a seguir.

OP: Marcelo, você cursou o ensino médio na EPCAR (Escola Preparatória de Cadetes do Ar), veio para a Poli e no meio da graduação começou a cursar ECA. Você não agüentava mais estudar em ambientes cheios de machos?

TAS: Olha, isso teve um papel importantíssimo. Eu vim de uma escola militar, mas aqui eu entendi que estava entrando numa verdadeira vida militar. É um choque muito grande, espero que não seja mais assim. A gente raspava a cabeça e éramos alinhados em ordem alfabética. Uns 600 meninos umas 3 mulheres. Então você caía numa sala...Eu estava numa sala só de Marcelos, só homem, você perdia totalmente a sua identidade. Alguém gritava “Marcelo” e todo mundo olhava. Uma vida que... aprendendo coisas absolutamente intransponíveis, cálculo 1, física 1, álgebra linear! Eu sinto calafrios quando passo nesse corredor (do biênio). Eu creio que a Poli foi um lugar que me estimulou muito a procurar coisas fora daqui por conta dessas coisas desagradáveis. É muito homem junto e homem é um bicho primitivo e eu sei disso que to lá no CQC e é muito parecido com a Poli, só quase tem homem também (risos).



OP: Tem mais alguma crítica da Poli além dessa homogeneização e um número excessivo de machos?

TAS: A crítica que tenho em relação à Poli, ela se aplica a quase toda a vida acadêmica brasileira. Eu creio que a academia brasileira é desconectada da sociedade. E às vezes se vê isso de uma maneira muito preconceituosa. Eu percebo na USP, quando as empresas tentam se aproximar da academia, rola aquela coisa “Ah, mas eles vão interferir na universidade” como se fosse privatização. Eu acho isso uma burrice redonda e é fácil de entender isso. A inspiração da USP é francesa, a gente segue aquele modelo que é muito bonitinho, mas é atrasado. E eu também não estou defendendo a privatização e nem o modelo americano, onde existem empresas que bancam cursos para desenvolver produtos pra eles. A gente precisa encontrar a nossa própria medida e não seguir uma medida francesa ultrapassada, que aliás, levou a França ao lugar que ela está hoje, uma nação com nenhuma importância no cenário mundial. Até a cultura francesa não é tão relevante e eu creio que isso ocorreu por essa visão estatal, tudo estar meio amarrado ao governo, incentivado pelo governo...Acho essa atitude muito perversa, a universidade deve se conectar à sociedade e as empresas também fazem parte da sociedade. Deve haver uma conexão com a realidade, “pra atender que tipo de demanda

da sociedade eu estou estudando engenharia?”.

OP: Um de seus personagens mais famosos, o Repórter Ernesto Varela, tinha como características fazer perguntas que incomodava os políticos. Você acha que adquiriu essa característica na época que trabalhava no “Cê-viu”?

TAS: Sim. O Cê-Viu é uma matriz desse humor, pelo menos quando eu tava aqui, o “Cê-Viu” era um jornal anarquista, de humor muito pesado e que causou muitas polêmicas. Professores reclamavam e às vezes alunos também, a gente batia na direita e na esquerda. Eu me lembro de uma entrevista que a gente fez, eu posso contar porque eu sei que essa moça tem muito humor. A gente fez uma entrevista com a Liedt, minha colega, estava um ano à minha frente, e a Liedt era – deve continuar a ser – a musa da esquerda, e eu tinha uma coluna no jornal, que eu assinava com um amigo, o João, um cara de Jaú, chamada “Calúnia Social”. E foi uma entrevista muito apimentada, falando de namoro, de sexo, de sacanagem basicamente. E eu era o editor e me lembro claramente, chegou a Kombi ali no CEC, ainda era em frente a biblioteca, trazendo o jornal que era impresso na gráfica do grêmio, e já juntava um monte de gente pra pegar o jornal. O presidente do Grêmio chegou lá, leu e ficou PUTO da vida, mas muito puto com essa entrevista. E pegou eu e o João e

colocou literalmente contra a parede “seus irresponsáveis, vocês querem acabar com a imagem da esquerda politécnica, desrespeitaram a Liedt... eu já decidi, essas páginas não vão sair, vamos arrancá-las para distribuir o jornal”. Eu respondi: “Entendi, vou ali fora dizer que você vai censurar o “Cê-Viu”. Aí virou aquele tumulto, um monte de gente, e ele resolveu deixar a entrevista. E claro que a Liedt achou o máximo e, infelizmente inclusive, não derrubamos a esquerda com essa entrevista. Eu creio que esse humor tem muito a ver com minha passagem no “Cê-Viu”.

OP: A ditadura militar não influenciava no jornal? Não havia censura?

TAS: Olha, a ditadura nessa época era mais um espírito que pairava “não pode isso, não pode aquilo”, era mais um fantasma do que uma coisa concreta, no meu caso, eu peguei o final da ditadura. Claro que houve muita gente que foi torturada, morta pela ditadura. Então, existiu sobre o período dessa geração, uma coisa da censura, do não pode, até do prazer do proibido “ah, hoje vai ter uma peça de teatro no Tuca e vamos lá ver”, nos shows tinha muito disso de falar coisas que não podiam ser ditas. É um momento de rompimento com o autoritarismo. A censura que eu sofri não é muito diferente das tentativas de censura que eu tenho hoje no CQC. Processos, políticos tentando intimidar com os advogados, esse tipo



de censura eu sofro até hoje. Muito triste dizer isso, mas alguns mecanismos de censura continuam.

OP: *TAS, na sua época, o jornal "O Politécnico" já circulava entre vocês também?*

TAS: O "Cê-Viu" dominava, não é porque eu fazia parte. E tem até um negócio para reflexão, o "Cê-Viu" era um jornal de humor e por isso tinha uma penetração enorme em todo o campus, tinha gente na Física lendo, gente na ECA, era um jornal esperado. Saía uma vez por mesmo, era bem disciplinado, 1000 exemplares de tiragem, uma tiragem gigante pra época, a gente fazia aquelas montagens...e a penetração do "Cê-Viu" era por ser um jornal de humor, as pessoas queriam se divertir, era um jornal muito lido.

OP: *Atualmente, o politécnico tem um perfil direitista em sua maioria, perfil conservador. A gente entrevistou o presidente do grêmio de 1964 e ele disse que na época dele era ao contrário, maioria da esquerda. Como era o perfil do politécnico no meio desses períodos, quando você estudava aqui?*

TAS: Pra mim, aqui sempre teve um predomínio da direita, na poli pelo menos, a direita fala mais alto, no seu jeito tosco, vamos dizer assim. E a esquerda sempre foi muito ativa e geralmente ganhava as eleições. A direita era muito bem articulada, os Kassabs todos eram muito atuantes. E a eleição para o CEC que eu participei, nós ganhamos do Kassab, acho bom deixar claro que eu derrotei Gilberto Kassab (risos). Mas pra mim a poli sempre teve uma marca de direita e é uma marca que a Poli não deve comprar, pois a Poli tem todas as tendências. Não acho legal alguém ser

associado a um lado só da moeda. Inclusive hoje, não faz o menor sentido direita, esquerda...A gente teve governos de direita, de esquerda e vimos que não são tão diferentes, né? Então acho legal perder um pouco do preconceito, pois temos grandes nomes no quadro político da direita e da esquerda, assim como tem muita gente ruim na direita e muita gente ruim na esquerda. Eu não tenho problema com esquerda ou direita, tenho problema com o preconceito, "se você é de direita, você é idiota, se você é de esquerda, você é idiota". Isso é uma bobagem. A gente tem que conviver com todos os lados, convivência é a palavra que precisamos exercitar. A sociedade brasileira é completamente misturada e precisamos valorizar isso.

OP: *Nós ouvimos alguns boatos por aí, que o Kassab, na época dele, tinha uma organização, digamos assim, chamada "Máfia Turca" que era especializada em desviar provas. Você ouviu falar de alguma coisa disso?*

TAS: (risos) A lenda existia mesmo, era uma lenda. Se falava algo assim, mas eu não conheço nenhuma prova nem nada consistente sobre isso. Agora, eu acho natural essa coisa de lenda, coisas que marcam a história de uma pessoa dentro da política. O Kassab, por exemplo, é um cara que soube transpor vários preconceitos, tanto que hoje ele fundou um partido, trafega da direita pra esquerda e da esquerda pra direita, uma envoltura que eu acho até preocupante. Mas é um cara que soube vencer esse rótulo que apregoaram a ele, soube conviver com isso. Se tem alguém que soube conviver é o Kassab, que conviveu com um dos caras mais difíceis da face da terra, que é o José Serra e inclusive, aparentemente, se libertou do Serra.

OP: *Como você fez pra quebrar esse preconceito de quem saiu da Poli, pra ir na ECA, na FAU?*

TAS: Na marra! Eu lembro de chegar na FAU, te olhavam de um jeito muito tosco, me senti muito mala, um patinho feio. Mas aí foi na marra, fui persistindo e aí as pessoas viram que, apesar de politécnico, eu era legal, aí você consegue namorar uma menina dali, aparecem algumas brechas. Fui pra psicologia, lugar muito interessante também. Mas fui saindo muito através da arte, legal dizer isso. Através de shows, organizando coisas, tipo "vamos organizar um show do Jorge Mautner" ou "vamos organizar a visita do Luiz Melodia". Eu creio que a arte pode unir bastante esses universos. Eu cansei de ver shows no teatro da FAU, por exemplo, um lugar gostoso de ver shows. A gente quase não tinha shows aqui na Poli, uma pena, aí eu ia pra lá, ia pra PUC, tinha muitos shows também no Tuca. Eu ia no Equipe, que era um colégio, onde estava o Serginho Groisman, os Titãs e tal, tinha um ambiente muito de arte, de shows. Eu creio que a arte pode ajudar o politécnico a se soltar um pouco. A gente fez um grupo de dança na Poli, na época, chamado Company. Era muito metido, a gente dançava não no palco, mas nos espaços, digamos, a gente invadia um restaurante dançando ou numa festa. A gente chamava de performance né? Fazíamos umas exibições na ECA, que era nosso auge, um grupo de politécnicos dançando na ECA. Era bem divertido.

OP: *Agora uma pergunta voltada mais para a tecnologia. Com a participação em mais de 1000 edições do Telecurso 2000, como você vê o futuro do uso da tecnologia no ensino e como você acha que universidades como a USP devem se portar nesse sentido?*

TAS: Não é nem futuro, é o presente né? Ensino à distância é algo que eu tive a felicidade de ser convidado para fazer parte, pelo Telecurso, que é o maior projeto de Teleeducação do mundo, tanto pelo tamanho do Brasil quanto pela deficiência na educação. O segundo, parece que é na Austrália ou no México. E a tele educação é algo absolutamente natural com a rede. Eu creio que esse tema é absolutamente relevante para a USP e pra mim tem a

ver com abertura. Tem a ver com você compartilhar os seus conteúdos. E há uma tarefa gigantesca que é como compartilhar sem perder a qualidade, como promover a educação à distância, quais são os complementos disso. No caso do Telecurso que visa atingir as classes C, D e E, nós temos tele salas e orientadores de aprendizagem. É uma maneira ainda inicial de lidar com isso, às vezes montamos a tele sala em paróquias, em salas de empresas para funcionários.

OP: *TAS, com toda sua experiência na área de educação, você não gostaria de oferecer um curso de didática para alguns professores da poli, da física? Eles estão precisando.*

TAS: Olha... (risos) eu tenho esse plano. Tem uma ficha que caiu na minha vida que, o eixo do trabalho que faço com comunicação, é educação. Algumas vezes de uma forma muito "bandeirista" como é o Telecurso ou do Rá-Tim-Bum que também é um processo pedagógico da fundação Padre Anchieta e eu quero que educação cada vez mais faça parte da minha vida profissional. Estou trabalhando para isso e vejo na internet a plataforma ideal. Espero dar notícias em breve sobre isso, quero compartilhar o que sei e aprender coisas novas, isso é fundamental.

OP: *TAS, você falou sobre sua nota de cálculo 1 na palestra, que não foi muito bem, mas quero fazer uma pergunta sobre limites. Como se calcula esse limite aqui?*

lim piada = ∞ ?

TAS: Esse limite não existe, ele tende ao infinito. O limite da piada é a graça. A piada tem que ser engraçada, ela sendo engraçada, não tem limite, esse é o teorema. Quando a piada é engraçada, ninguém discute, quando o cara faz a piada engraçada, as pessoas só riem e ela(a piada) cumpre o objetivo que veio a este mundo. Quando a piada não é tão boa, o pessoal começa a debatê-la, aí a piada tem limite, que é a sua ruindade.

Diego Andriolo
Engenharia de Minas – 3º Ano

Entrevista com um Físico

Nesta edição, em um papo descontraído com o prof. Dr. Eustáquio Tepes, formado pelo TIT (Transilvania Institute of Technology), diretor e professor emérito do Instituto de Física da USP de 1860 a 1870, um dos elaboradores da grade curricular de Física para Engenharia de 1865 (que é a mesma que vigora até hoje), vamos discutir tudo sobre esse conjunto de disciplinas simpáticas que é Física para Engenharia. Vamos falar sobre como são deliberados os atos de crueldade do IF contra o pobre politécnico é montada a grade de física para engenharia, os objetivos das ementas e suas peculiaridades, como os Anciãos a comissão de graduação discute como serão divididas as aulas quais são as prioridades no ensino de física.

Foi-me concedida pelo prof. Eustáquio a permissão de ir até sua mansão sua sala no IF, para que fosse registrada na forma de uma entrevista a discussão sobre diversos assuntos polêmicos que se referem às disciplinas de Física para Engenharia, que tanto afligem o indivíduo politécnico.

Vocês já devem ter feito muitas perguntas sobre a Física na Poli para as quais nunca encontraram resposta, tais como: por que temos que usar derivadas, integrais, equações diferenciais etc. em Física antes de aprendermos isso em cálculo; por que temos matérias estranhas como relatividade restrita; de onde saiu aquele coeficiente "a" como são invocados escolhidos os professores que lecionam física, quem são; de onde vêm; do que se alimentam; Estas e muitas outras perguntas serão respondidas nesta entrevista.

OP(O Politécnic): Primeiramente boa noite, prof. Dr. Eustáquio, o jornal agradece imensamente a sua receptividade e disponibilidade em responder às nossas perguntas; e para começar, gostaríamos de ir direto a um assunto muito polêmico: como são escolhidos os professores que lecionarão Física para Engenharia;

ET(Eustáquio Tepes): Conjurando escolher um professor que ensinará Física é um ritual muito antigo e complexo, que já é feito há mais de 400 anos e precede a festa da colheita muito tempo, e que geralmente tem bons resultados, já que os professores invocados esco-



Prof. Dr. Eustáquio Tepes

lhidos são atrevidos altamente qualificados e provêm de vários lugares do universo departamentos do IF.

OP: Uma sugestão interessante seria a de alocar professores que lecionariam disciplinas cujos conteúdos sejam relacionados às suas linhas de pesquisa. Isso beneficiaria aluno e professor, já que este, ao mesmo tempo que pratica continuamente os conteúdos úteis à sua pesquisa, terá mais a oferecer àqueles sobre tais conteúdos, evitando longas e fastidiosas aulas em que não se entende nada. Algo semelhante já é feito no IF;

ET: Não.

OP: Por quê;

ET: Porque eu quis.

OP: Outra questão relevante é a aversão dos professores de Física à água-benta calculadoras, porque tais itens tão úteis não podem ser liberados durante a prova.

ET: Porque eu quis.

OP: Mudando de assunto, nesse contexto de internacionalização no qual está inserida a Universidade de São Paulo, o IF se mostra pioneiro por ministrar cursos de Física para Engenharia em vários idiomas, como: inglês, russo etc. Como o senhor avalia este ato de vanguarda no ensino do IF;

ET: A grande maioria dos professores de Física domina outros idiomas, os alunos também, mas para evitar a recaída ao uso do idioma nativo, usamos professores que não sabem português.

OP: Está explicado então, outra coisa importante de se falar: por que relatividade restrita é dada em Física II, ao invés de Termodinâmica;

ET: Veja bem, para nós, seres de sangue frio professores de Física, termodinâmica não é relevante, e relatividade restrita assume uma importância relativamente maior, ainda que restrita.

OP: Mas prof. Dr. Eustáquio, em cursos de Engenharia e Engenharia de Produção, termodinâmica não terá mais aplicações práticas;

ET: Olhe, quando foi o útil primeiro depois do outro a teoria da dança do cozimento do galo.

OP: Desculpe prof. Dr. eu não entendi sua última colocação, poderia explicar de novo;

ET: Um pedaço de manga.

OP: O senhor poderia ser mais claro;

ET:...

OP:...

ET: Porque eu quis.

Essa foi a entrevista com o prof. Dr. Eustáquio Tepes. Poderíamos ter discutido sobre vários outros assuntos, mas o sol estava nascendo, e o prof. teve que se recolher. Fica claro mais uma vez o quanto essa matéria que é Física tem a nos oferecer. E se por descuido alguém pegar DP e tiver que refazer a matéria, o prof. Dr. Eustáquio garante que estará sempre lá a reoferecê-la, de novo, e de novo, e de novo, e por toda a eternidade.

OBS: Essa matéria teve caráter exclusivamente satírico e fictício, e se por acaso foi notada alguma semelhança com a realidade, é mera coincidência.

Curtinhas

CRAAAAAU - Noé está prestes a ser agraciado como o patrono da Engenharia Naval, em manifesto publicado pelo CEN. Sua arca, que carregou muitos bichinhos e bichinhas, está guardada dentro do centrinho hoje em dia. Paulo Maluf alega que foi ele quem a construiu.

CIVIL - CREA define que o erro nas construções civis, a partir de agora, deverá ser de, no máximo, MEIO TIOJOLO, obedecendo à regra da "metade da menor medida".

MORADIA - Reitoria é ocupada por reitor, pró-reitores e funcionários da administração, causando espanto e admiração nos alunos da USP.

BANDEJÃO - As baratas e as formigas, as espécies mais bem adaptadas do mundo, foram alimentadas com o "bloco verde de ovo", prato típico do bandejão. Notou-se que elas nem são tão adaptadas assim.

BANDEJÃO 2 - Bife 007 é comparado com o agente James Bond e ganha nas categorias mais frieza, mais dureza e nervos de aço.

"Sabem pra que serve Física 2? Pra passar de Física 2!" - Aluno ao saber que vai ter que estudar futebol relativístico

"O que eu escrevi e mostrei aqui na lousa, o Baroni não fez NEM DE PERTO no livro dele!" Professor de Algelin que só não escreve um livro melhor porque nem um livro próprio seria tão bom quanto sua lousa.

"Você quer revisão de prova?" "Sim professor." "Mas 7 já tá bom, pra quê revisão? Você não vai conseguir mais ponto mesmo." - Sinceridade ímpar de professor de PCC Janela

"Faltam 10 minutos pra acabar a prova, vamos bater o prego no caixão MUAHAHAHA" - Professor de R1

"A Produção que me desculpe, mas engenharia é fundamental." Minícius de Vorais

Horoscopolí Edição Dragon Ball

Áries: Cell



Para aqueles regidos pelo signo da personalidade de Cell, o período indica que sua personalidade célula mudará drasticamente ao longo do Arco Androids. Apesar

de ser um sofisticado vilão da famosa série, será o signo mais paciente e calculista durante o período das P2, afinal, as notas gráficas das provas de numérico, algébrico, cálculo, pcc, mecA...enfim, todas, vão pedir alta concentração e meticolosos planos de estudo/cola. Por causa de sua composição genética de outros guerreiros, ele é capaz de manipular psicologicamente os guerreiros politécnicos e conseguir os melhores resumos e, quem sabe, algumas aulinhas com o amigo nerd. A dica da semana é: conferir se o amiguinho está assinando o seu nome na lista de presença. Ninguém quer bombar por falta, não é mesmo?

Touro: Omega Shenron



Os Astros indicam um período de displicência para os politécnicos regidos pelo sétimo e último dos maus Dragons da sombra a aparecer.

Seu foco deveria estar nos compromissos acadêmicos, mas existe uma força astral maior que te leva a pensar apenas no futuro rolê da sexta e quem sabe na bebedeira do sábado. Os astrólogos d'O Politécnico indicam que você absorva as sete Esferas do Dragão em seu ser para, talvez, dar um rumo à vida acadêmica, afinal, depois de ter travado cálculo I, você taurino deve se mexer para não ganhar mais um ano de Poli (nosso amor).

Gêmeos: Baby Vegeta



Os nódulos lunares estão em fase de ascensão durante o mês de outubro, o que pode indicar que os seguidores da forma adulta do baby terão uma surpresa na

vida amorosa. O próprio nome do seu regente astral indica que você pode ter crises de imaturidade ao longo do semestre, mas quem sabe um novo amor não ajuda a amadurecer... a nossa equipe espera que sim, porque tá na hora do primeiro beijo né? Mas como os astros não são milagrosos no quesito amor, faça a sua parte, vá a todas as festas e seja um pouquinho mais sociável, converse com as meninas! Estamos torcendo por você, Baby Vegeta!

Câncer: Nuova Shenron



O mês de outubro será de solidariedade para os cancerianos regidos por Nuova, já que os Astros inspiram você a ser muito fiel aos seus próprios irmãos.

Prepare-se para aulas particulares e ajudas desesperadas nos momentos angustiantes antes da prova! Lembre-se, pode parecer inútil tentar explicar algébrico II (duvido que alguém nomeie uma coisa para qual essa matéria é útil) para o seu amigo, mas ajudar é preciso e te tornará uma pessoa mais evoluída! Sem dúvidas, tem o melhor coração de todos os dragões da sombra, mas apesar dos astros saberem que você é uma pessoa muito ética e que quer tudo nos conformes, damos a dica de nunca dedurar os amigos para o professor. Não é legal...

Leão: Raditz



As notícias não são boas para os leoninos...O mentor astral Raditz vai recorrer a táticas covardes (colas descaradas) quando ele está em uma situação

apertada (qualquer prova da Poli) e isso pode não ser uma boa, já que nada impede do professor te colocar na primeira carteira ou te pegar no flagra! Então faça o seguinte, se o seu plano é curtir as festas da faculdade ou apenas ficar a toa no grêmio/atletica, estude o mínimo para não travar... Mais um ano de Poli pode não parecer terrível agora, mas acredite, qualquer ano a mais nesse inferninho é demais! O eclipse entre Júpiter e Saturno pode realçar seu lado festeiro, cuidado com o que você vai aprontar.

Virgem: Kid Goku SSJ



Goku significa "consciência do vazio" e é exatamente isso que você está sentindo no momento, a fase é de melancolia. Claro que a semana de provas é

ruim, péssima, maligna e um abuso mental, mas é preço que você paga por entrar na melhor escola de engenharia da América Latina (apesar dos absurdos que estão acontecendo aqui). Para acabar logo com o martírio do semestre, namore com os livros e números durante a semana e já garanta sua aprovação! Fique tranquilo que na sexta da semana de provas tem PERUADA, OBA!!!!

Libra: Teen Baby



A astrologia do mês exige cuidado para as questões alimentares, tudo indica uma possível abstinência do bandex após um incidente (não muito pequeno)

com um almoço contendo famosa linguiça com vinagrete. Se você ainda é um Teen Baby do biênio, aprenda que carregar papel higiênico na mochila é fundamental, principalmente em situações como essa. Analise com cuidado o cardápio do coesas, a situação pode ser extremamente desagradável. Mas não se desesperem, vocês entrarão no paraíso astral em alguns dias e tudo se resolverá (quem sabe uma nota boa não esteja a caminho).

Escorpião: Goku SSJ4



Marte controlará o zodíaco durante o mês e tornará tudo muito intenso, estudos, festas e sentimentos. A aproximação das provas ressaltará a sua característica marcante: a sombra ao redor dos olhos e sobre as pálpebras, que varia de cor de acordo com o cansaço. Não precisa trabalhar com astrologia para saber que isso são meras olheiras, nada de especial...A prova de PEA pode ser o sucesso do semestre, já que a aura astrológica durante o mês emana os arcos de eletricidade! Quem sabe esse não seja o primeiro e único 10 na Poli?! Você pode sofrer melhorias maciças de energia e velocidade, tornando-se mais forte Super Saiyan. Canalize essa energia em algo produtivo.

terística marcante: a sombra ao redor dos olhos e sobre as pálpebras, que varia de cor de acordo com o cansaço. Não precisa trabalhar com astrologia para saber que isso são meras olheiras, nada de especial...A prova de PEA pode ser o sucesso do semestre, já que a aura astrológica durante o mês emana os arcos de eletricidade! Quem sabe esse não seja o primeiro e único 10 na Poli?! Você pode sofrer melhorias maciças de energia e velocidade, tornando-se mais forte Super Saiyan. Canalize essa energia em algo produtivo.

Sagitário: Frieza



Pobre sagitariano, vive sonhando em ser o Imperador do Universo e até mesmo se titulóu com este... Tirar boas notas não significa que você pode fazer o que

bem entender, apenas mostra que você possui inteligência sobrenatural!! Apesar de o período florescer uma personalidade autoritária e que se estressa por tudo, você levará, na maioria das vezes, os insultos como mera brincadeira, menos mal. A grande dica para o período é o cuidado com a soberba, todos que estão aqui passaram no mesmo vestibular que você, mas na Poli as coisas mudam e isso não significa que você é o mais inteligente de todos. Seja legal e ajude a todos que precisarem.

Capricórnio: SuperAndroid 17



O período é de tranquilidade para aqueles regidos pelo signo do SuperAndroid 17, já que são frutos da fusão do androide normal de 17 com uma máquina

mutante. A semana de provas será mais uma semana normal, já que o cérebro androide será capaz de compreender e resolver uma prova de numérico no tempo absurdo esperado pelo IME. Ahhh como amamos as matérias ministradas por esse maravilhoso instituto! Não se esqueça da vida social, ela também é importante para o equilíbrio da vida! A dica da temporada é interação social.

Aquário: Vegeta SSJ4



Os aquarianos passam por um período de introspecção, já que existe o grande trauma do pai ter sido muito severo com vocês no passado, principalmente por

ter feito cursinho para passar na Poli. Você passará por uma fase na qual não ligará para a amizade e muitas vezes será egoísta e muito ansioso. Não se preocupe, isso será normal durante o mês e é claro que a nossa amada faculdade realça esses sentimentos tristes. Ansiedade no período de provas é completamente normal. Faça o seu melhor para controlar tudo isso e não esqueça que afastar seus amigos é perder a fonte de apoio que temos por aqui.

Peixes: Gogeta SSJ4



Embora eles sejam feitos de uma maneira semelhante, Gogeta tem características de personalidade que são diferentes das de Vegeta, ele gosta de brincadeiras e nunca perde o senso de humor.

Essa característica será necessária para enfrentar as notas baixas que estão a caminho... Mas isso não é motivo de desespero, apesar de a vida acadêmica estar indo para o buraco, a vida pessoal tomará um rumo inusitado e de muita realização! Você deve se manter tranquilo durante o mês e as coisas se encaminharão com o tempo (mas não pense que as notas melhorarão por milagre).

Análise Gourmet



Todo crítico de gastronomia que se preze faz uso das sugestões de seus leitores para selecionar os restaurantes que serão avaliados. Como grande analista gastronômico que sou, eu não poderia deixar de trazer minha crítica sobre o restaurante mais comentado pelos politécnicos, o Bandeirão. E só posso começar a crítica com: o restaurante mais marcante na minha vida.

Existem divergências sobre quantas vezes um crítico deve visitar um restaurante para então publicar sua opinião, a maioria deles visita o estabelecimento apenas uma vez. Eu visitei esse restaurante diversas vezes por semana nos últimos três anos, portanto acredito que tenho um espaço amostral suficiente para analisar todos os aspectos importantes do local (lembrando que todas as visitas tiveram como único objetivo a produção desse artigo que você está lendo). Da mesma forma em que há divergências sobre o número ideal de visitas, também não há unanimidade sobre o número de pratos que devem ser experimentados. O normal é se experimentar 6 pratos: duas entradas, dois pratos principais e duas sobremesas. Mas nas vezes que fui ao Bandeco e pedi carne e pte e/ou duas sobremesas, eu não recebi um tratamento muito amigável das “tias” então aprendi a fazer avaliações gastronômicas com apenas um pedaço de carne e uma goiabinha.

Todos os dias, não tenho um maitre pra me dizer qual o prato mais relevante ou qual a sugestão do chef mas tenho o grande prazer de escolher entre duas opções incríveis de cardápio e geralmente escolho a mais próxima de onde estou ou a com menos fila. Falando em fila, acho que ela é o grande charme do restaurante, é o local que mais tem conversa, é o local onde há a maior expectativa e é o lugar que aumenta nossa fome e faz com que possamos saborear com mais vontade a

excepcional refeição que nos espera duas vezes ao dia.

Para que eu possa ter uma avaliação precisa de todos os pratos que julgo, aprendi a estabelecer padrões de tipos de comida a partir do melhor exemplar de cada tipo de comida que já provei. Por exemplo: meu padrão de frescor ideal em um camarão, por exemplo, vinha de um restaurante de pescados litorâneo. Já o de cozimento vinha de um restaurante francês paulistano. Entretanto, com o passar desses anos de graduação, todas as minhas referências de comida excepcional se voltaram para esses presentes dos deuses que hereges chamam apenas de Bandeirão. Minhas fichas de avaliação que se dividiam em couvert, entrada, prato principal e sobremesa e que dividiam os comentários em quesitos importantes para qualquer receita: apresentação, temperatura, qualidade dos ingredientes, cozimento, tempero e harmonia da receita são todas rasgadas quando vou comer em um dos quatro pontos mais importantes da Cidade Universitária Armando Salles (Central, Física, Química e Prefeitura), porque todos os quesitos são marcados como “perfeitos”.

É óbvio, claro e evidente que esse texto pode ser preenchido por vários “só que não”, já que eu estava falando do Bandeirão e não de um jantar comemorativo oferecido por Zeus aos humanos. Entretanto, o nosso badalado restaurante universitário cobra apenas R\$1,90 para encher nosso bucho no almoço ou jantar. E valorizem todos os animais, vacas, porcos e frangos (principalmente e muito mais frequentemente/quase diariamente frangos) que são sacrificados para podermos no alimentar

Jean Michell
Engenharia Civil – 3º ano

Mark Zuckerberg na Poli



Sai a lista de aprovados no vestibular da FUVEST. O ano é de 2003. Muitos parabéns, muitas ligações para dizer “sabia que você seria aprovado” e muitos tapinhas nas costas. Este poderia ser apenas mais um das centenas de aprovados na POLI, mas Mark Zuckerberg não era uma pessoa comum. E sua relação com nossa amada (?) Escola seria uma peça fundamental para seu brilhante futuro.

Típico garoto nerd, Mark entra na escola ávido por sólidos conhecimentos de computação, mas o destino (leia-se EC-2) pregaria uma peça no garoto. Uma única matéria de programação e um monte disciplinas que representariam um papel tão útil para seu futuro profissional quanto uma HP-50g na Letras. Mas nosso herói não se deixaria abater por uma simples épora ou por um esquecimento de sapatos na visita de PNV e continuaria correndo atrás de aprender computação.

Mark percebe que teria que “se virar” para atingir seu objetivo e a Escola começa a representar um empecilho em sua vida. Noites e noites regadas a muita programação renderam sólidos conhecimentos para um futuro projeto. Porém ele ainda tinha intenções de se formar, pois tinha esperanças que o curso melhoraria com o passar do tempo (coitadinho) e, portanto, deveria fazer as provas e entregar trabalhos. Entre os trabalhos, estava o ep4 de MAC, que Mark havia esquecido. No desespero, compra o ep nas últimas horas antes do prazo e acaba pegando plágio, junto com mais 27 pessoas.

O vendedor não devia ser muito honesto.

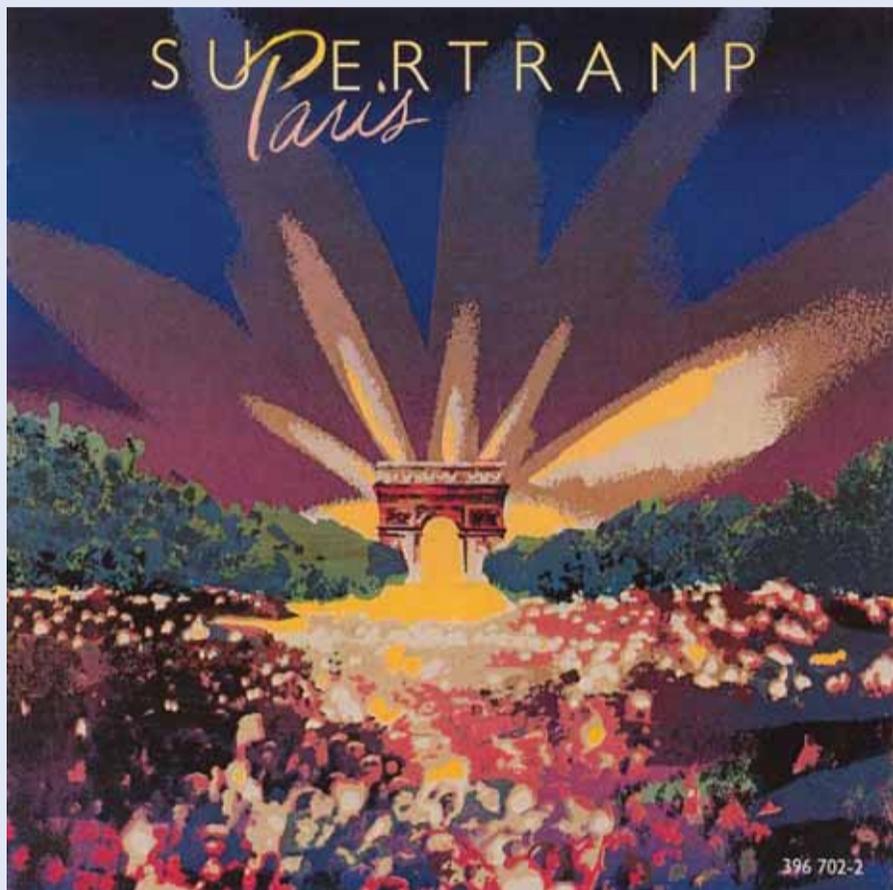
Seu ânimo para continuar na Politécnic diminuiu consideravelmente após esse ocorrido. Justo ele, que amava programação, manchou o histórico com um plágio. E pra piorar, a vida pessoal também estava em baixa. Seu número de fãs no Orkut era irrisório, ninguém o pokeava e só recebia depoimento de amigos virtuais que conhecia em fóruns de programação e algoritmo.

A única coisa que o estimulava a continuar na Poli era seu gosto por asiáticas e Mark sabia que a USP, com 90% da vagas reservadas para asiáticos, era o melhor lugar (depois da própria Ásia) para encontrar sua japa metade. Mas Mark era muito introvertido e isso o preocupava muito, pois como conheceria garotas com sua falta de habilidade social? E o pior, como conhecer a mais bonita de todas? Aí nasce sua brilhante ideia.

Todo aquele sólido conhecimento em programação adquirido fora da universidade aliado à sua necessidade de descobrir quem era a menina mais bonita, o levaram a criar o facemash, site exclusivo para a comunidade USP que compara a foto de duas garotas (hot or not?). Mas devido ao alto número de ameaças de grupos feministas, Mark remodelou o projeto e criou uma nova rede social, uma ferramenta na qual ele poderia conhecer as uspianas e não sofreria toda a pressão social de não receber depoimentos. Nascia o Facebook.

Diego Andriolo
Engenharia de Minas – 3º ano

Um álbum pra ouvir e um filme pra ver



SUPERTRAMP LIVE IN PARIS 1979 – Tudo bem, você provavelmente nunca ouviu falar deles e deve estar achando que se trata de mais uma banda estranha e conhecida somente em meios cults. Pode ser que sim, mas Supertramp é uma daquelas poucas bandas que inovaram, não se ativeram ao comum e não tiveram o reconhecimento merecido.

Por ser uma banda de rock, espera-se que solos de guitarra estejam presentes, certo? Mas não aqui. Nesse épico show realizado em Paris, a banda inglesa mostrou ao vivo o poder que tinha de fazer rock usando piano e saxofone. É sempre difícil convencer alguém a experimentar algo assim, mas garanto que vale muito a pena. Quem aí já ouviu a música “Time” dos Floyd, nota que a transição da guitarra de Gilmour para o saxofone é bem sutil. A mesma ideia é seguida nesse show.

É provável que você ouça “The Logical Song” e pense: “Nooooossa, é deles essa música?”. Daí em diante é só ouvir o resto e ficar boquiaberto com os solos no piano e os vocais dos líderes Rick Davies e Roger Hodgson. Um show à parte é dado por John Helliweel, que comanda o sax e os outros instrumentos de sopro. São dois discos, o primeiro leva vantagem em relação ao segundo devido à presença majoritária de músicas fodelasticamente boas. Algumas vozes sombrias que aparecem em “Fool’s Overture”, a melhor das músicas, lembram o psicodelismo comum à época. Recentemente, GymClassHeroes lançou “Take a look at my girlfriend”, cujo início pertence à música “Breakfast in America”, outro grande sucesso de Supertramp também presente no show.



RUSH – É fácil encontrar quem goste de velocidade, mas o mesmo não vale quando se fala de Fórmula 1. Alguns podem achar chato porque não enxergam emoção no esporte, enquanto outros vibram com ultrapassagens. Gostando ou não, vale muito a pena ver Rush. O

filme conta a história de Niki Lauda, interpretado por Daniel Brühl (famoso por “Bastardos Inglórios”) e James Hunt, vivido por Chris Hemsworth (conhecido por protagonizar o filme “Thor”), adversários do mais alto nível na década de 70. Em 1976, um acidente gravíssimo envolvendo Niki o fez ter queimaduras por quase todo o corpo, fazendo com que ele não corresse por dois GP’s. Mesmo voltando, não conseguiu repetir o bom desempenho, o que acarretou na vitória de Hunt no final do campeonato. A trilha sonora é ótima, o que nos faz sentir o clima da rivalidade entre os dois emergindo da tela. O filme aborda também questões paralelas à vida nas pistas, como os casos amorosos de James, conhecido como o “terror das aeromoças”, e a fama de bom moço de Niki. As cenas de recuperação após o acidente emocionam. Pra quem é fã de Fórmula 1 e quer ver um pouco da época que os alemães não dominavam o grid, não perca a chance.





FRITZ BOBBERT
PIANOS



2013

SEG - 21/10

TER - 22/10

QUA - 23/10

QUI - 24/10

SEX - 25/10

O Iluminado
Sala Multimedial - Grêmios

Cinema Paradiso
Sala Multimedial - Grêmios

Across the Universo
Sala Multimedial - Grêmios

Laranja Mecânica
Sala Multimedial - Grêmios

Sociedade dos Poetas Mortos
Sala Multimedial - Grêmios

Festival de Bandas
Sharewood

Festival de Bandas
Sharewood

Festival de Bandas
Sharewood

Discussão sobre segurança: problemas e propostas
Sharewood

Festival de Bandas
Sharewood

Cisne Negro
Sala Multimedial - Grêmios

O Concerto
Sala Multimedial - Grêmios

Greaso
Sala Multimedial - Grêmios

Blade Runner
Sala Multimedial - Grêmios

O Sexto Sentido
Sala Multimedial - Grêmios

O Fabuloso Destino de Amelle Poulain
Sala Multimedial - Grêmios

Hair
Sala Multimedial - Grêmios

Na Natureza Selvagem
Sala Multimedial - Grêmios

***Improviso de Bandas**
Sharewood

***Oficina de Mangá**
Sala de Reuniões - Grêmios

Baralha de Rappers
Uso da Civil

***Oficina de Drinks**
Grêmios

Karaokê com Banda
Sharewood

Stand Up
Uivência

Workshop de Sertanejo
Sala do GTP

***Workshop de Teatro**
Sala de GTP

Karaokê Livre
Uivência

***Oficina de Light Paintina**
Gramado da Civil/Adm

Noite de Jogos
Uivência

***Oficina de Capoeira**
Sharewood

*Eventos que requerem inscrição prévia, mais informações no evento no Facebook
**Teremos um plano disponível no Anfiteatro da Elétrica de segunda a quinta